

PQ 9050  
.O 77 B7

CARLOS BORGES

# PENNA E ESPADA

DUAS PALAVRAS

Á CERCA DA

LITTERATURA D'HOJE

DE

J. D. RAMALHO ORTIÇÃO



PORTO  
TYPOGRAPHIA LUSITANA  
Rua de Bellomonte, 74

1866







1078/27

CARLOS BORGES

---

# PENNA E ESPADA

DUAS PALAVRAS

Á CERCA DA

LITTERATURA D'HOJE

DE

J. D. RAMALHO ORTIGÃO



✓  
**PORTO**  
TYPOGRAPHIA LUSITANA  
Rua de Bellomonte, 74

1866

M 9

Pg 9050  
O 77 B7

INDIANA UNIVERSITY LIBRARY

10-6-66

# PENNA E ESPADA

---

## I

Ha perto de tres mezes, se não me engano, que uma carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho, dirigida ao sr. Antonio Maria Pereira, livreiro da capital, e que vem annexa ao *Poema da Mocidade*, do sr. M. Pinheiro Chagas, suscitou uma grande e momentosa questão entre duas escholas litterarias que os combatentes denominaram, uma coimbrã, outra olysiponense.

Foram causa d'esta questão as seguintes linhas, que o inspirado cantor da *Primavera* e do *Outomno* escreveu na sua carta:

«Theophilo Braga, dirão, Anthero do Quental, Vieira de Castro, talentos distinctos, e de já não pequena clientela, todos elles teem sido, e continuam a ser, acrimen-te objurgados por este aquilatador inexoravel! (1)»

E pouco mais abaixo:

«Pelas alturas em que vôam, (2) confesso, humilde e envergonhado, que muito pouco enxergo, nem atino para onde vão, nem avento o que será d'elles afinal.»

Estas palavras julgou-as o sr. Anthero do Quental um insulto á dignidade e independencia (!) da eschola coimbrã, e primeiro do que qualquer outro sahio a campo, não refutando as palavras do sr. Antonio Feliciano de Castilho,

(1) Pinheiro Chagas.

(2) Theophilo Braga e Anthero do Quental.

mas injuriando-o, e negando o genio superior que todos, nacionaes e estrangeiros, reconhecem no nosso primeiro poeta contemporaneo, e um dos mais distinctos prosadores d'esta epoca.

Ao sr. Anthero do Quental responderam os srs. Manoel Roussado, rindo-se do adversario do mestre de todos que cultivam as lettras, e Julio Castilho, castigando severamente o mancebo inexperiente, que ousára insultar uma das nossas glorias litterarias.

Travara-se a lucta. Os combatentes batiam-se encarniçadamente. Começaram então a chover os folhetos e os folhetins, pró e contra um e outro adversario, e continuam a chover todos os dias, não obstante o sr. Teixeira de Vasconcellos, o author das *Viagens na terra alheia*, ter já querido arrogar a si as honras de *apagador*, n'esta questão, gritando aos combatentes *Pax*, dos baixos da *Gazeta de Portugal*. Infeliz, perdeu o seu tempo! No ardor da peleja, os combatentes não ouviram as suas palavras de ordem e cordura, nem talvez leram o seu folhetim! Póde ser que, terminado o combate, então vão prestar a devida homenagem ao escripto do author dos *Bulletins pour l'étranger*, o que eu desejo, francamente o confesso, do fundo do coração!

Depois de publicado o folhetim do sr. Teixeira de Vasconcellos, e nos primeiros dias do mez findo, appareceu um novo folheto sobre a questão. Intitulava-se elle *Litteratura d'hoje*, e era seu author o sr. J. D. Ramalho Ortigão, espirituoso folhetinista do *Jornal do Porto*, um dos talentos mais esperançosos da nossa terra e que pena é que os seus trabalhos jornalisticos o prohibam de nos saborear com alguns livros verdadeiramente portuguezes e que hoje tão raros são.

O sr. Ramalho Ortigão, cujo talento eu muito acato, e peranté o qual me curvo respeitoso, foi effectivamente dos escriptores, que até hoje tem entrado n'este com-

bate, o que melhor tratou a questão, (não fallando no sr. Camillo Castello Branco, porque esse é sempre o primeiro em todas as discussões em que toma parte) e a elle caberiam as honrãs da victoria se por acaso n'alguns pontos não se mostrasse tão parcial.

Teem pois escripto sobre esta questão algumas das intelligencias mais festejadas do nosso paiz, e agora permitta-se tambem, que eu, o mais obscuro e humilde de todos os rabiscadores, e que apenas tenho escripto meia duzia de mal alinhavados folhetins, emitta a minha opinião insignificante e de nenhum valor, mas sincera e imparcial, porque a sinceridade e a imparcialidade devem ser as duas principaes divisas do escriptor publico.

É do opusculo do sr. Ramalho Ortigão que tenciono occupar-me. Primeiro que tudo cumpre-me declarar aqui solememente que não privo com o sr. Ramalho, que não conheço o sr. Anthero do Quental, e que nunca fallei com os srs. Antonio Feliciano de Castilho e Vieira de Castro, em consequencia do que não se poderá dizer que relações de amizade me levaram a fazer considerações favoraveis ou desfavoraveis a qualquer dos cavalheiros, cujos nomes acabo de citar.

## II

Podemos dividir em tres partes o opusculo do sr. Ramalho Ortigão.

1.<sup>a</sup> Em que trata do *Poema da Mocidade*, do sr. Manoel Pinheiro Chagas.

2.<sup>a</sup> Em que analisa largamente a carta que o sr. Antonio Feliciano de Castilho dirigiu ao editor do *Poema da Mocidade*, o sr. Antonio Maria Pereira, e que motivou a questão, de que, no pensar do sr. Anthero do Quental e dos seus satellytes, julgo eu, está pendente a reputação litteraria do sr. Antonio Feliciano de Castilho!!!

N'esta parte do seu opusculo, o sr. Ramalho Ortigão, com pezar o digo, trata tambem de depreciar algumas obras e as traducções de innegavel merecimento, devidas á penna do author das *Cartas d'Esco a Narciso*.

3.<sup>a</sup>. Em que trata de defender e de fazer a apothese do sr. J. C. Vieira de Castro, particular amigo do author da *Litteratura d'hoje*, e em que critica severamente os srs. Anthero do Quental e Theophilo Braga.

Demasiadamente ardua e difficil é esta missão de que me encarreguei—de responder a alguns pontos do opusculo do sr. Ramalho Ortigão—no entanto vejamos sempre se a posso levar a cabo.

### III

Do *Poema da Mocidade* já eu tive occasião de fallar n'um folhetim, publicadô no *Nacional* n.º 272, do anno passado.

Não é perfeita, dizia eu 'então, a obra do sr. P. Chagas; o proprio sr. Castilho o confessa, mas é necessario advertir que a obra não fez mais do que sahir da fragoa para a bigorna, e não poude passar depois pelo torno e lima. Falleceram-lhe, por falta de tempo, não de vontade nem de pericia, a pomos, a lixa, e o verniz ultimo. (1)

Mas o *Poema da Mocidade*, accrescentava eu pouco mais abaixo, offerece bellezas que encantam e inebriam, bellezas que o leitor nunca se cansa de ler e reler.

E hoje que já mais detidamente tive occasião de ler a obra do sr. Pinheiro Chagas, hoje que me não deixo dominar pelas primeiras impressões, hoje não posso deixar de confirmar o que então escrevia, porque o *Poema da Mocidade* tem innegavel merecimento, merecimento que ainda ninguem ousou contestar-lhe, a não sér algum cri-

(1) Carta ao editor Pereira.

tico sensaborão e apaixonado, algum crítico que sabe tanto o que é critica como eu sei fazer um par de bottas, algum crítico d'esses que dizem que tudo é mau, e quando se lhe pergunta a razão porque o é, respondem logo: *É mau, porque é mau!*

N'esta parte do seu opusculo o sr. Ramalho Ortigão fez justiça ao distincto talento do sr. Pinheiro Chagas, e não podia deixar de a fazer como esclarecido escriptor e abalizado crítico que é.

Para mim uma das maiores bellezas da obra do sr. P. Chagas é a naturalidade com que descreve os personagens do *Poema da Mocidade*.

Ao lê-lo, o leitor instinctivamente se lembra dos bellos e impagaveis romances do sr. Camillo Castello Branco. A mesma graça, a mesma elegancia, o mesmo colorido de fórmulas! Estude, trabalhe, prosiga na espinhosa carreira que encetou o sr. Pinheiro Chagas e ainda um dia, depois de haver e haver trabalhado muito, conseguirá pelo poema-folhetim o nome que Camillo Castello Branco já conquistou pelo romance.

#### IV

Entramos agora na parte mais espinhosa do nosso folheto. Estamos na segunda parte do opusculo do sr. Ramalho Ortigão. Trata-se da carta do sr. Castilho, dirigida ao editor Pereira, e censura-se o illustre escriptor—*primò*: por aconselhar o sr. Pereira a que animasse e incitasse ao trabalho os escriptores da nova geração, editando-lhes as obras;—*secundò*: por dizer-se que o sr. Castilho aproveitara aquella occasião para dirigir ao nobre ministro do reino um requerimento, pedindo-lhe um emprego para o sr. Pinheiro Chagas.

Tentemos responder a ambas as censuras.

Vejamos quaes as palavras do sr. Castilho que leva-

ram o distincto escriptor portuense a dirigir-lhe a primeira arguição.

Mostrando desejos de que se criasse em Portugal uma empresa editora, que facultasse aos escriptores, faltos de meios, proporções para se poderem entregar ao trabalho, digi a sr. Castilho ao editor Pereira: «Parece-me, meu amigo, (tome o pulso, ao seu ânimo, e não discordará) que ninguém estava habilitado proprio a todos os respeitos para se propor com os seus confrades uma tal empresa.»

Que transparece n'estas palavras do sr. Antonio Feliciano de Castilho? Um sincero desejo do engrandecimento das letras patrias: O amor pelo estudo e pelo trabalho. Um pedido com que o sr. Castilho nada ganha, mas com que tenta favorecer alguns homens que, dotados de intelligencia e talento poucos vulgares, muitas vezes, para não dizer quasi sempre, se veem obrigados a guardarem os seus manuscritos, aliás valiosissimos, n'uma gaveta, por lhes minguaem os meios necessarios para as despesas da impressão.

E a este santo e justo desejo, responde o sr. Ortigão: «O sr. Castilho aconselha o seu amigo sr. Pereira a agremiar os seus confrades, organisando uma grande companhia editora, que publique quantos manuscritos se lhe apresentem, enriquecendo o author de cada manuscrito, e tirando a paga propria do incomparavel regalo de entrar depois a despachar litteratura por atacado para todos os pontos da redondeza da terra.» E, mais adiante, continua o sr. Ramalho: «Pede o sr. Castilho ao editor do *Poema da Mocidade*, que queira imaginar-se por um momento moirejando e labutando tressuadamente no fundo d'um armazem immenso, chovendo-lhe de toda a parte, a potes e a torrentes, os originaes, emquanto elle desabugachado e arregaçado encaixota em enormes arcas os trezentos mil exemplares da primeira das suas oitocentas

edições, que os arames telegraphicos lhe estão requerendo, instante e avidamente dos Padrões da Teixeira, do Pinheiro da Bemposta, da Rapezeira, de Pancas, d'Arrayolos, de Cabeco de Vide, da Palhota, de Paio Pires, e de mil outros pontos do paiz, onde, graças ao *Methodo Portuguez*, graça febril e ameaçadora a fome canina da leitura, tendo já sido sôfregamente devorados os missaes das igrejas, os cadernos do recenseamento, as estantes da casa, da camara, os lettreiros das esquinas das ruas, e toda a areia do adro onde os litteratos da terra costumavam, depois da missa, fazer-se com o ferrão dos varapaus.»

Isto que em verdade nada tem de bonito, de elegante, nem de chistoso, não acreditaria, ingennamente o confesso, que fosse escripto pelo sr. Ramalho Ortigão, se porventura o opuseulo não fôra por elle assignado. Isto é in-orizel, custa a acreditar que o sr. Ramalho manejasse a arma do ridiculo, tão impropria na mão de tão distincto escriptor, ao tratar uma questão séria, para refutar aquelle tão nobre e digno desejo do cantor dos *Ciumes do Bândol*.

N'este ponto o sr. Ramalho seguiu as pizadas do sr. Authero do Quental: á palavra não respondeu com a palavra, á idéa com a idéa, ao argumento com o argumento, mas sim com o ridiculo, lembrando ao sr. Castilho os leitores dos Padrões da Teixeira, da Porcalhota e não sei d'onde mais. Certamente em Affife, na Aldeia Gallega, e nas Alturas de Barroso não existem leitores do seu merito; porque, se porventura ahi houvesse algum, s. s.<sup>a</sup> de certo não vacillaria em citar estas tres *importantes* terras litterarias!!!

Com que tristeza não diz o sr. Ramalho que os habitantes d'aquellas povoações devoravam os cadernos do recenseamento! A tomarem-se a sério estas palavras do sr. Ortigão, acreditar-se-hia que s. s.<sup>a</sup> deseja ser eleito

deputado por Payo Pires ou Arrayolos, e teme que a falta de cadernos de recenseamento, que os leitores devoraram soffregamente, lhe possa roubar a victoria!

Depois queixa-se o sr. Ramalho, dizendo que o sr. Castilho implora ao honrado ministro de D. Pedro IV um emprego para o seu amigo sr. Pinheiro Chagas, e protesta, em nome da dignidade e do decoro da profissão das letras, em seu proprio nome, em nome do proprio sr. Pinheiro Chagas, e no de quantos presam a fidalguia intellectual, aberta e declaradamente contra tão impuro, tão grosseiro e tão aviltante modo de patrocinar o talento independente e honrado.

Na minha opinião, fraca e humilde mas franca e imparcial, o sr. Castilho não pede, não implora, não esmola, não mendiga um emprego para o sr. Pinheiro Chagas. Tal coisa era impropria do character de um e outro cavalheiros. No que o sr. Ramalho Ortigão vê um pedido, um requerimento intempestivo, eu não vejo mais, e talvez por ser mui curta a minha vista intellectual, do que uma indicação judiciosa, e outra cousa não consentiria o proprio sr. Pinheiro Chagas, porque, posto que nunca relações de amizade me prendessem a s. s.<sup>a</sup>, sei que possui um character verdadeiramente independente, como mui bem prova um acto da sua vida; que desnecessario é agora aqui narrar, para acceitar um patrocínio que ferisse, ainda que levemente, o seu pundonor!

E indicar não é pedir. D'uma a outra cousa vai uma differença bem grande, separa-as uma enorme barreira. Perguntar-se-ha, porém, agora: Estará o sr. Castilho no caso de indicar ao ministro qual o litterato que deve occupar uma das cadeiras do curso superior de letras?

Respondam por mim as *Cartas d'Ecco a Narciso*, o *Amor e Melancholia*, o *Camões* e tantas outras obras-primas de litteratura portugueza, pois é esta a mais eloquente de todas as respostas.

*O sr. Vieira de Castro é um talento que desabrocha auspiciado das melhores esperanças. Applaude-se-lhe a vehemencia demosthenica representada na tribuna portugueza pelo perfil energico de José Estevão; tem a réplica prompta e acerada, apontada sempre ao peito do adversario com a lamina lumpejante d'um stylete d'aço; no esgrimir do debate percebe-se que o joven orador cahe bem em guarda, sustentando o recto com a firme impavidez que fazia descorar os contendores diante de Rodrigo da Fonseca Magalhães e de Antonio da Cunha Souto Maior.*

*Susceptivel, impetuoso e entusiasta até á petulancia geradora dos impetos decisivos, que ou complicam uma situação ou a salvam pelo pathetico e pelo sublime dos lances extraordinarios, etc.*

As linhas que acabam de ler-se encontram-se a pag. 34 da *Litteratura d'hoje*. Aqui o sr. Ramalho Ortigão deixou-se dominar pela amisade, o que, se não é para censurar, não é tambem muito para louvar, tanto mais quando s. s.<sup>a</sup> se nos apresenta arrogando a si as honras de critico justo e imparcial. S. s.<sup>a</sup>, forçoso é confessal-o, aproveitou-se d'esta occasião para exaltar o sr. Vieira de Castro, julgando prestar um grande serviço ao homem de quem é intimo amigo, mas infelizmente prejudicou-se e prejudicou-o.

O sr. Vieira de Castro sahiu da universidade com a falsa fama de um grande genio, entrou no parlamento e ahí pronunciou tres ou quatro discursos muito estudadinhos; a plebe, que talvez nem mesmo entendesse o que o orador dizia, gritou logo—*Viva o novo Cicero!* Os que ouviam este grito repetiam-no, e assim o sr. Vieira de Castro alcançou uma corôa que os seus amigos julgam immortal e que oxalá o menor sopro de vento não desfaça e destrua.

Agora o sr. Ramalho Ortigão nomeia-se capitão em

chefe dos admiradores do sr. Vieira de Castro, e apparece na arena gritando — *Viva o digno competidor de Rodrigo da Fonseca Magalhães e de Antonio da C.: Sotomaior!!*

E a final, ao ler-se isto, pergunta-se quaes são esses monumentaes discursos de Vieira de Castro? Quaes as questões economicas que tem discutido no parlamento? Quaes os improvisos em que conquistou o nome que José Estevão tão justamente alcançou? Em que se pôde comparar com R. da F. Magalhães e Sotomaior?

Ha quem veja nas pompas do elogio, e no paralelo do novel parlamentar com os nossos primeiros oradores uma ironia picante do contendor fidalgo; e ha tambem quem diga que não deve ver-se através das finas pompas senão uma graça pedindo outra, um favor pedindo uma mercê, um memorial depositado na gratidão do sr. Vieira de Castro.

Eu não digo nem uma nem outra cousa. Atribuo a exaggeração hyperbolica á amisade que ao elogiado tributa o noticiarista do *Jornal do Porto*.

Sem offensa ao seu talento e sem injuria ao seu character de homem, não posso attribuir a outra cousa tão prodigos e immerecidos elogios. Temos meia duzia de discursos do sr. Vieira de Castro. Não vejo, porém, ahi a vehemencia demosthenica que n'elles encherrou o sr. Ramalho. Vehemencia demosthenica não é a injuria petulante com desfaçatez proferida contra o character individual d'um ministro ou de um deputado. O caloroso e sempre eloquente defensor das liberdades da Grecia era vehemente mas elevava sempre o seu genio á altura da excellencia d'um grande principio offendido contra os interesses da republica. O sr. Vieira de Castro pelo contrario rasteja a sua intelligencia pelo doesto grosseiro e pelas phrases atrevidas e ás vezes deshonestas. Aquellas virulentas objurgatorias contra o ultimo ministerio do

sr. duque de Loulé são os discursos que mais lhe elogiavam, mas são elles os que mais me justificam. Ah! nota-se a vehemencia da injuria sem nome, contra os ministros que representam um poder que tem direito a ser acatado, e não a vehemencia do desafoso d'uma crença publica, elevando-se sempre a par da ideia e cercando-a das mais ricas pompas para que o brilho dos ornatos mais estimulasse os animos contra os offensores d'ella.

Temos um outro discurso pronunciado contra os representantes dos circulos eleitoraes do berço da monarchia e contra a sua camara municipal, e ahi se encontram phrases deshonestas, que foram solememente condemnadas pelo silencio da camara. E basta que n'esse discurso, o sr. Vieira de Castro, para fazer rir, porque tambem quer passar por orador jocosos, disse que os *vereadores nus não podiam ser bonitos*. Nos assumptos faceis, quando se exclama mais do que se argumenta, o sr. Vieira de Castro tem felizes rasgos de oratoria e são de um lindo effeito os seus discursos, desculpando-se a falta de nexo e a desigualdade do estylo de que é causa o aproveitamento que faz de trechos que coardenou em casa, mas quando precisa de argumentar, quando trata de desenvolver um principio, desce da sua opulencia, perde o entusiasmo do começo, e os seus admiradores sentem não ter occasião de proferir um applauso que possa ser secundado.

José Estevão era um orador que elevava sempre o seu genio, que encantava com riquissimas imagens, que seduzia com ornatos elegantissimos, mas argumentava sempre, oppondo argumento a argumento, ideia a ideia, podendo tirar-se dos seus brilhantes discursos pensamentos elevados e grandes principios de economia publica.

Rodrigo da Fonseca, o grande mestre da escola liberal e Sótto Maior, uma das nossas illustrações da camara, eram elegantes na forma dos seus discursos, mas as suas

palavras andavam sempre unidas a ideias elevadas, aos principios da eschola de que foram distinctos tribunos. Estes argumentavam, e, se arrebatavam com as imagens, não deixavam de convencer com o argumento.

E quanto mais difficeis eram os assumptos sobre que discursavam, mais elevavam os vôos das suas prodigiosas intelligencias.

O sr. V. de Castro faz apenas ramalhetes para encantar, e mesmo assim, na collocação das flores, não mostra *bom-gosto*, como na sua argumentação não dá boas provas do seu *bom-senso*.

E querem saber porque o sr. Vieira de Castro é interrompido a meudadas vezes pelos applausos da camara? querem saber porque captiva a attenção dos deputados mais do que os que muito o excedem, como, entre outros, Torres e Almeida, Luiz Gomes, Thomaz Ribeiro, Barjona de Freitas e Mendes Leal? É porque o sr. Vieira de Castro deixa-se dominar de enthusiasmo, falla com muito calor, dá á sua voz clara uma inflexão de bonito effeito, o que é devido aos seus ensaios, durante dous ou tres annos, em cima dos penedos da sua quinta do *Ermo*, seguindo assim, o exemplo de Demosthenes, quando, n'uma caverna á beira mar, ensaiava o poder da palavra que havia de atemorisar a tyrannia de Macedonia, e que havia de salvar a sua querida patria.

## VI

### *Risum teneatis!*

Publicado o livro do sr. Ramalho, não lhe faltaram elogios de toda a parte e sem duvida bem merecidos. No opusculo fallava-se em desabono do sr Anthero do Quental, e todos esperavam anciosos que o author das *Odes modernas* voltasse novamente á imprensa a defender-se.

Não aconteceu, porém, assim. O sr. Ortigão dissera:

«Se o sr. Quental já d'antemão sabia, como affirma abrindo ahi margem a novo insulto, que o sr. Castilho é velho e cego, levará a bem dizer-se-lhe que maculou o sr. Quental os seus vinte e cinco annos com a mais torpe das nodoas que um mancebo póde lançar no seu character: a covardia.»

Covardia! Esta palavra fez estremecer o sr. Quental, ávido porventura de mostrar que sabia manejar bem uma espada e talvez melhor do que a penna!

Covardia! Esta palavra fez com que viesse de Coimbra ao Porto, para desafiar o sr. Ramalho Ortigão!

Oh! vergonha das vergonhas! — Quiz o sr. Quental mostrar que tinha valentia physica e deu a prova mais evidente e solemne de que era um covarde intellectual, pois, se não fôra assim, desaffrontar-se-hia como tinha recebido a affronta — com a penna — porque assim é que faz o homem *de bom-senso e de bom-gosto!*

Talvez o sr. Quental quizesse fazer-nos ver que possuia valor e coragem necessaria para se bater, mas não se lembrou de que o valor e coragem não consistê em empunhar uma espada e ferir um homem que é menos perito ou experimentado no jogo das armas.

Se porventura o sr. Anthero do Quental quizesse saber o que é valor e coragem encontrava um exemplo frisanste, sublime, eloquente no sr. Antonio Feliciano de Castilho que até hoje tem ouvido impavido os grosseiros insultos d'aquelle que foi seu discipulo.

Pena foi que o sr. Anthero na occasião de ferir o sr. Ramalho não se lembrasse d'aquelle magestoso verso do sr. Thomaz Ribeiro

*mais faz que espada ou lança escopro e serra*

porque n'esse momento a espada ter-lhe-hia cahido da mão.

Mas que estou eu dizendo! Que authoridade é o sr. Thomaz Ribeiro para os srs. Anthero e Ramalho?! E eu sem me lembrar que o talentoso cantor do *D. Jayme* pertence á escola olysiponense e escreve versos com letra pequena, como o sr. Feliciano, de Castilho! Perdão, sr. Anthero! perdão, sr. Ramalho! que não me recordavam estas duas circumstancias aggravantes, que concorrem na pessoa do sr. Thomaz Ribeiro!

E não quer o sr. Anthero que lhe chamem *ma philosopho!* Isto causa riso! Se elle proprio o declara! Pois qual é hoje, no século XIX, o philosopho de *bom senso* e *bom-gosto* que troca a penna pela espada, o papel pelo campo da batalha, o argumento convincente pelo dúbio? que se alegra em ver derramar o sangue do seu semelhante? que em vez de laureado por haver alcançado um triumpho litterario, antes quer ser apupado por ter dado uma cutilada com deslealdade impropria de um cavalleiro?

Com deslealdade, repito, porque o sr. Anthero havia declarado não saber jogar a espada, e no campo mostrou-se um perfeito jogador d'aquella arma.

Isto se não é deslealdade, é... outra coisa muito peor! Só a escola coimbrã pôde a taes philosophos chamar *bons philosophos*. E o caso é que o sr. Quental hoje julga-se mais victorioso do que a padeira d'Aljubarrotta, depois de haver matado com a pá do forno, sete castelhanos!

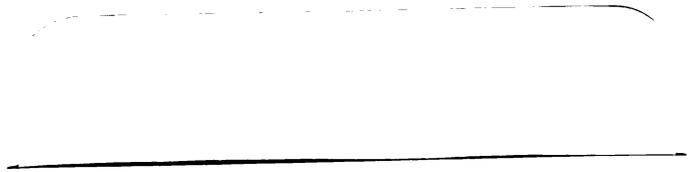
Carlos Dalgas.

**DO NOT REMOVE  
SLIP FROM POCKET**



PQ 9050

. 077 B7



ALF Collections Vault



3 0000 131 720 132